



GUARDA REVOLUCIONÁRIA ISLÂMICA — UMA INSTITUIÇÃO POLIVALENTE

Edmirson Maranhão Ferreira

O advento da República Islâmica do Irã surpreendeu o mundo ocidental com os conceitos e valores que introduziu nas relações do Estado com a sociedade e com as concepções filosóficas e instrumentos criados para a sua defesa. Um desses instrumentos é a Guarda Revolucionária Islâmica, que o autor apresenta com a autoridade que lhe conferiu a aditância militar exercida naquele país, já sob o novo regime.

A publicação desse artigo por A Defesa Nacional não implica enaltecimento ou depreciação desse instrumento. É, tão-somente, o registro de uma solução ajustada a uma cultura e que, de certa forma, contribui para explicar a sobrevivência do regime republicano islâmico instaurado no Irã.

O embasamento profundamente popular e nacionalista da Revolução Islâmica, nos albores de 1979, gerou uma instituição militar/paramilitar polivalente por suas ações múltiplas — A Guarda Revolucionária Islâmica (os *Pasdars*). A recém-implantada, na ocasião, República Islâmica do Irã visualizou no campo da Segurança Nacional o amplo sentido comunitário da problemática nacional sob os novos valores básicos revolucionários, exi-

gindo a participação de todos, seja para a construção da República Islâmica, seja para a sua proteção e defesa. Este foi o enfoque gerador dessa instituição *sui generis*. O povo de mãos dadas para o desenvolvimento, os cidadãos em armas para a defesa da pátria e da revolução.

O *Pasdar* (o que protege), integrante da Guarda Revolucionária, deve, portanto, ser um misto de cidadão participante do

desenvolvimento, de fervoroso religioso, de protetor da sociedade instituída pela Revolução, de cruzado de Deus, de soldado da luta contra-revolucionária e de aguerrido combatente defensor da pátria na guerra externa.

Trata-se de uma instituição ideológica, política e militar. Portanto, apresenta características e finalidades especiais, um campo de destinações múltiplas e até polivalentes. Produto da Revolução Islâmica do Irã e, em decorrência das características populares, ultranacionalista e profundamente religiosas desse movimento, os chamados Corpos de Guardas Revolucionários Islâmicos adquiriram peculiaridades *sui generis*. São os Guardiões da Revolução. A instituição, fundada em abril de 1979, foi visualizada como um dos suportes do regime islâmico, como a proteção da cultura e das tradições (corão) e um dos instrumentos de expansão mundial desse movimento político-religioso, que visava a plena participação das massas.

Sob essa visão revolucionária, a Guarda Revolucionária Islâmica (GRI) deve ser o povo em armas, um exército de *partisans*, uma força guerrilheira nacional, uma tropa convencional, bem como um instrumento consciente e doutrinado para realizar a propagação do ideal revolucionário.

Trata-se, portanto, de uma organização essencialmente voltada para a segurança interna (controle da população, ação

psicológica, bem como todas as ações de guerra irregular), podendo atuar também na segurança externa, no quadro de guerra regular, como vem fazendo atualmente, ao mobilizar uma parte do *front* na guerra contra o Iraque. Têm sido frequentes operações conjuntas de unidades da GRI com unidades de artilharia do Exército, bem como elementos da Força Aérea. Entre os seus fundamentos estão as seguintes premissas:

- Todos, homens ou mulheres, devem ser soldados do Estado Islâmico;
- O objetivo primordial é a proteção da Revolução contra conspirações e movimentos subversivos;
- A segunda prioridade é a exportação da Revolução em todas as dimensões. Se os povos oprimidos não têm acesso aos modernos armamentos, cabe aos revolucionários islâmicos desenvolverem uma arma muito mais eficiente – a arma da fé, a arma espiritual;
- A GRI é um instrumento construtor e protetor da sociedade islâmica sob a jurisprudência de Deus (Velayat Faghih)
- embasamento espiritual islâmico.

Por sua vez, a doutrina de emprego da GRI está consubstanciada nos seguintes princípios:

- a. Formação e permanente aperfeiçoamento político, re-

- ligioso, histórico e militar de seus integrantes, de forma a adquirir um profundo sentimento de participação comunitária em prol da construção e fortalecimento da República Islâmica (o chamado movimento *Jihad*). Doutrinação dos quadros, com vista à proteção dos valores divinos;
- b. Perseverança e determinação;
 - c. Mobilização e prontidão operativa. Conforme a destinação operativa, a preparação é feita em cursos de até seis meses, com conhecimentos teóricos iniciais, seguidos de prática da formação básica do combatente;
 - d. Emprego de ação psicológica sob profunda base religiosa;
 - e. Emprego de métodos e técnicas de informações;
 - f. Preparo militar para operações clássicas com base em organização e adestramento adequados, a par da preparação e estruturação para a guerra irregular, operações de informações e operações psicológicas, sob a direção de Centros Políticos-Ideológicos, nos vários níveis de estruturas;
 - g. Participação em atividades complementares em apoio a projetos do governo, vinculados ao desenvolvimento nacional;
 - h. Cooperação com as Forças Armadas e com a defesa da independência e da integridade territorial da República Islâmica;
 - i. Colaboração com o Poder Judiciário e o Ministério da Justiça;
 - j. Combate ao tráfico de drogas e apreensão de armas quando na posse de pessoas ou grupos não-autorizados;
 - l. Desapropriação, em caso de necessidade e dentro dos interesses da República Islâmica, de instalações e recursos disponíveis de propriedade privada;
 - m. Apoio a todos os movimentos de independência e libertação;
 - n. Atuação em reforço a todas as instituições revolucionárias do país.
- A GRI foi concebida para atingir um efetivo de 20 milhões de membros (sendo um milhão em armas – Reserva do Exército), ou seja, com previsão de arregimentar quase a metade da população do país. Seria assim, na visão original, a grande população ativa iraniana, totalmente politizada e trabalhada psicologicamente sob fundamentos religiosos e patrióticos. Desconhecemos atualmente seu efetivo total; entretanto, o suplemento anual (1981) da publicação *The Economist Intelligence Unit Ltd* aponta, na página 3, uma força de 50.000 Guardas como combatentes. Vem recebendo grande apoio e destaque do governo e arregimenta jovens profundamente religiosos e idealistas. Perante a nação, tem

suas vítimas e seus heróis na frente de combate. Participa, com estrutura militar, das operações de guerra ao lado e no mesmo nível de destaque das Forças Armadas, bem como projeta a sua atuação ao longo de todo o país como instrumento do governo no executante do poder policial e político.

Seu símbolo – um braço estendido segurando um fuzil, projetado sobre o globo terrestre, em conjunção com a representação do pensamento e dos

dogmas corânicos – traduz todo um profundo alicerce religioso, todo um espírito de luta, todo o sentido de massa popular e, finalmente, todo um misticismo apaixonado, vibrante e poderoso. A GRI não foi concebida apenas como o braço armado da Revolução, mas também como um instrumento envolvido numa profunda religiosidade. Seria dentro da simbologia do seu dístico a conjunção da espada, da fé, do pensamento e do pulso do novo regime.



Cel R-1 EDMIRSON MARANHÃO FERREIRA – Tem os cursos de Estado-Maior, Escola Superior de Guerra (CEMCFA), de Pára-Quedistas, de Guerra na Selva e Operações Psicológicas. É também licenciado em Geografia e História pela PUC-Rio de Janeiro, de Administração de Empresas pela Universidade Gama Filho, Superior de Guerra pela ESG e Especialização e Mestrado em "EPB" pela UERJ.

Em suas atividades, constam: Chefe da Divisão de Assuntos Militares da ESG, Cmt da Escola de Pára-Quedistas, Adido das Forças Armadas do Irã. Atualmente, leciona na Faculdade Estácio de Sá.